

#53

U2 DESARMA A BOMBA ATÔMICA

Como Bono conseguiu mais uma vez se reinventar em seu novo disco, um de seus trabalhos mais reflexivos

O HÔ GÓRDIO DE OLIVER STONE

Ao invés do imperialismo contemporâneo, Alexandre prefere ser vítima do psicologismo moderno barato

TANGO NO ESCURO

Dois filmes separado por 20 anos mostram a revolução de Bernardo Bertolucci, um diretor que se recusa a dançar conforme a música

COM O DISCO ARRANHADO

André Takeda deixa as referências pop de lado e decepiona com o ingênuo e repetitivo *Cassino Hotel*

O HOMEM DE LA MANCHA

Clássico de Cervantes chega ao seu quarto centenário como o maior monumento da literatura universal

FANTÁSTICOS SUBURBANOS

Os *Incríveis*, a menos animação da Disney, consegue um dupla proeza: ser divertida e sofisticada

NASCE UMA DIVA

Joss Stone canta seu namoro e estoura a parada com o clip "You Had Me"

Recentemente

O prometido filme do quarteto fantástico ganha seu mais cruel paradigma: *Os Incríveis*

Caderno Zero

Todos os anos novos são recebidos com muita festa e comemoração. Por quê?

Latim em Pó

Leitores de Harry Potter descobrem uma nova forma de aprender a escrever

Busca

OK

Picosearch

rabisco@rabisco.com.br



12 a 22 de janeiro de 2005

Equipe | Edições Anteriores

## COM O DISCO ARRANHADO

André Takeda deixa as referências pop de lado e decepiona com o ingênuo e repetitivo *Cassino Hotel*

por Fábio Freire (mailto:fabio\_fcosta@hotmail.com)

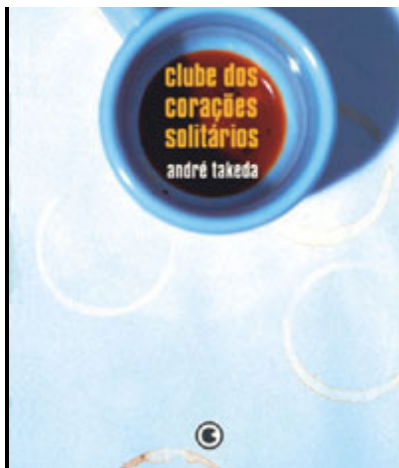


Para algumas pessoas, envelhecer não é um processo fácil, muito menos tão natural assim. Se ver como um adulto com responsabilidades e uma rotina quase sempre tediosa e massacrante significa deixar para trás mais do que simples festas, badalações e a irresponsabilidade segura do conforto da casa dos pais. Por tudo isso, fazer trinta anos não é apenas uma passagem, mas uma despedida lenta e confusa da juventude, da incerteza em relação ao futuro e, em alguns casos, dos próprios sonhos. Claro, a chegada das rugas e da calvície também não ajudam muito nessa complicada transição. A pressão do sucesso imposto pela sociedade só torna as coisas ainda piores. O medo se mistura à nostalgia e o vazio anda de mãos dadas com a melancolia.

*Cassino Hotel* (Ed. Rocco, 194 págs), novo romance do escritor gaúcho André Takeda, retrata exatamente esse universo. No dia do seu aniversário de 30 anos, o guitarrista João Pedro se olha no espelho e não se reconhece. Seu sonho de se tornar um *rockstar* ficou perdido em algum lugar no meio do caminho. Sua relação com os pais e os amigos de adolescência não existe mais. Agora, tudo que lhe resta é um caso mantido às escondidas com uma *popstar* filha de um famoso cantor sertanejo. Diante do vazio que lhe toma conta da alma, só resta a João Pedro voltar para sua terra natal, Porto Alegre, e enfrentar os fantasmas do passado: a morte da irmã, a traição do seu melhor amigo Matheus com sua namorada Leticia e o abismo sentimental que o separa do pai. Como cenário para esse acerto de contas, um hotel à beira da praia do Cassino e um navio encalhado bem no meio do mar.



Autor dos ótimos *Clube dos Corações Solitários* e sua continuação *Quando Eu Tiver 64*, lançado apenas para download em seu [site](#) e também disponibilizado em forma de [blog](#), André Takeda se arrisca mais uma vez no campo



minado da literatura pop. A tarefa, cumprida com louvor nos trabalhos anteriores, aqui, se mostra um pouco mais árdua e não tão bem sucedida. Com uma premissa interessante, Takeda escreve um livro envolvente, ligeiro e agradável de se ler, mas peca por não desenvolver sua história a contento. *Cassino Hotel* parece escrito às pressas, sem o devido cuidado necessário para que o drama de João Pedro não soe superficial e forçado. E é exatamente isso que acontece.

Apesar de lermos o livro com interesse até o seu desfecho, o uso de alguns recursos narrativos dispensáveis só atesta a fragilidade da história. Algumas frases que encerram os capítulos são completamente desnecessárias e

beiram o clichê. A utilização de um mecanismo metalingüístico (João Pedro lembra a todo instante que não passa de uma personagem de um livro) pode até parecer um diferencial, mas esbarra na falta de uma justificativa plausível para que seja inserido no texto. O ritmo do livro também é quebrado com uma ruptura temporal confusa e longa, já perto de seu final.

Outro problema é a ingenuidade da história. Tudo bem que o protagonista é imaturo e não sabe como agir, a não ser fugindo e se entregando às drogas (clichê básico), mas as personagens que o cercam agem de forma tão pré-fabricada que fica difícil acreditar que elas são pessoas e não estereótipos. Eis aqui mais um porém: Takeda se entrega às fórmulas com uma facilidade embaraçosa e suas críticas ao mundo superficial e selvagem da fama e do jornalismo marrom se tornam artificiais, funcionando apenas como pano de fundo para uma trama que, no fim, se mostra tola.



Gravidez indesejada, cegueira, complexo de culpa e amor reprimido se misturam de tal forma que a sensação de estarmos diante de um dramalhão cresce a cada página lida. A repetição de determinados temas (filho em conflito com pai, o reencontro com um amor ferido do passado) parece nos mostrar que o autor é limitado em termos literários. João Pedro nada mais é do que um rascunho envelhecido de Eduardo Spitzer, vulgo Spit, espécie de alter-ego do autor

e personagem de outros livros e textos do escritor e que, aqui, faz uma pequena e desnecessária participação especial.

Takeda pode até querer escrever de maneira autobiográfica, mas se nos seus romances anteriores isso era uma característica natural, em *Cassino Hotel* o escritor se mostra sem muito fôlego, beirando o autoplágio. Nem as referências pop presentes no livro são criativas. Melissa, a tal *popstar*, podia muito bem se chamar Sandy ou Wanessa. Tirando uma citação aos Rolling Stones aqui, outra ao filme *A Fantástica Fábrica de Chocolates* ali, *Cassino Hotel* é uma decepção para quem está buscando algo à altura de um Nick Hornby da vida ( *Como Ser Legal*, *Um Grande Garoto*, *Alta Fidelidade* ), por exemplo.

Se *Clube dos Corações Solitários* e *Quando Eu Tiver 64* são livros emocionantes para serem apreciados ao som de uma bela canção de rock, em um dia chuvoso no qual o melhor a ser fazer é contemplar o nada, ou quando a nostalgia e melancolia chegam sem pedir licença, *Cassino Hotel* é apenas uma leitura corriqueira, agradável mas esquecível. E na velocidade do mundo pop de hoje, ser esquecível é quase pedir para ser deletado da memória. Como um LP arranhado perdido em uma estante qualquer. 📀

